

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Educação
Curso de Especialização em Educação, Sexualidade e Relações de Gênero.



A INSERÇÃO DE HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL



Francisca Mariano Silveira

Porto Alegre
2011

Francisca Mariano Silveira

A INSERÇÃO DE HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Especialização apresentado como requisito para a obtenção do título de Especialista em Educação ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a Dr^a Jane Felipe.

Porto Alegre

2011

AGRADECIMENTOS

Essa parte parecia que seria a mais fácil. Mas a quem agradecer primeiro? Mesmo parecendo o lugar comum, agradeço primeiro a Deus; sendo uma pessoa que fora criada dentro dos rituais evangélicos, mesmo não sendo cegamente seguidora, não consigo (e talvez não queira) me desvencilhar de alguns preceitos dessa crença.

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que através da PROGESP, oportuniza aos seus servidores uma qualificação gratuita e de qualidade; à Faculdade de Educação, na figura do GEERGE que acolheu todos os servidores que buscaram essa qualificação, de forma particular à professora Jane Felipe que orientou esse trabalho; aos colegas de curso, pelas suas contribuições, em especial o colega Paulo Fernando que me ajudou com algumas leituras e com suas ideias.

Eu diria que sem as colegas Érica Guedes e Leonir de Pariz, eu não teria iniciado essa caminhada; e, diversas vezes, elas foram decisivas na hora de dar alguns passos. Apesar de trabalharmos na mesma instituição há 22 anos, foi esse curso que estreitou nossos laços, apesar dos desentendimentos pelos quais passamos. Também agradeço a todas/os as/os colegas que de alguma forma contribuíram para eu ter chegado até aqui, em especial aos colegas que se dispuseram a ser entrevistados por mim, como também os dois casais que têm filho/a nas turmas em que eles trabalham (é uma pena não poder citar seus nomes). E, é claro, duas amigas de longa caminhada: Luciane da Silva Conrad e Marilene dos Santos Gouvêa, pelo apoio constante.

Gostaria de agradecer também à minha ex-professora de língua francesa – Clarissa Galecki Andrade – que mesmo estando tão distante e atarefada se dispôs a revisar o resumo em francês; ao colega do meu filho, Alexandre Ribeiro, por revisar o *abstract*; e ao professor Rodrigo Caxias pela revisão das referências.

E por último, mas não menos importante, agradeço ao meu filho e ao meu marido pela participação efetiva nesse trabalho. Sem o Stelyus esse trabalho não teria a formatação adequada, não teria fluído na sua estrutura; seu apoio tecnológico, intelectual e moral foram de suma importância, e a sua paciência também.

*“Mas a mim, com toda a franqueza,
não me parece que tenhamos a
obrigação de amar-nos uns aos
outros. Uma obrigação, sim, temo-la,
mais alta, muito mais alta, e essa é a
de nos respeitarmos uns aos outros”.*
(José Saramago)

RESUMO

O tema aqui abordado “A inserção do homem na educação infantil” tem por objetivo perceber como as famílias, educadoras e os próprios educadores do sexo masculino avaliam a inserção desse profissional junto às crianças. Procurei analisar alguns aspectos observados nesse ambiente escolar, tais como: trajetória desses profissionais; como eles se veem como parte desse espaço; como as famílias interagem com esses homens; e como se dá a relação com as colegas, visto que, historicamente se trata de um ambiente predominantemente feminino. A abordagem teórica aproxima-se dos Estudos de Gênero e dos Estudos Culturais, tendo como campo de pesquisa uma escola federal de educação infantil em Porto Alegre. Como fonte de dados, apliquei entrevistas semiestruturadas em dois educadores, duas educadoras e dois casais que têm seus/suas filhos/as nessa instituição e que são atendidos/as por esses profissionais. Essa temática nos leva a refletir sobre os espaços ditos masculinos e femininos e a nossa construção enquanto sujeitos que são subjetivados por esses pertencimentos.

Palavras-chave: Relações de Gênero, Masculinidades, Educação Infantil.

RÉSUMÉ

Le thème qu'est ici abordé " l'insertion de l'homme dans l'éducation infantile ", vise à comprendre comment les familles, les éducatrices et les éducateurs eux-mêmes évaluent l'inclusion de ce professionnel avec des enfants. j'ai cherché à d'analyser certains aspects observés dans ce contexte scolaire, tels comme : le chemin de ces professionnels; comment ils se voient comme faisant partie de cet espace; comment les familles interagissent avec ces hommes; et comme il sent la relation avec les amis, puisque historiquement il s'agit d'un contexte principalement féminine. L'approche théorique s'approche des études culturelles et féministes, ayant comme camp de recherche une école fédérale d'éducation infantile à Porto Alegre. Les données ont été recueillis via des entretiens semi-structurées avec deux éducateurs, deux éducatrices et deux couples qui ont leurs enfants dans cette institution et qui sont aidées par ces professionnels. Ce thème nous amène à réfléchir sur les espaces masculins et féminins et dans cette construction en tant que sujets qui sont subjectivés pour ces appartenances.

Mots-clés: Relations de genre, la masculinité, l'éducation de la petite enfance.

ABSTRACT

The subject discussed here, “The inclusion of men in child rearing” has the purpose of perceiving how families, female educators and the male educators themselves evaluate the inclusion of this professional with the children. I sought to analyze a few aspects observed in a school setting, such as: the professional career of those male educators; how they understand themselves in that context; how families interact with those men; and how their relation is with their female colleagues, whereas, historically this is a predominantly female setting. The theoretical approach is close to the Gender Studies and the Cultural Studies, having a federal kindergarten in Porto Alegre as a research field. As a data source, I applied semi-structured interviews with two male educators, two female educators and two couples who have their children in that institution and who are attended to by those professionals. This thematic leads us to think about the ‘environments’ said masculine and feminine, and our development as individuals who are subjected by these surroundings.

Keywords: Gender Relations, Masculinity, Child Rearing

SUMÁRIO

1. ABRINDO A DISCUSSÃO	9
2. A RELEVÂNCIA DO TEMA	11
3. DOS OBJETIVOS	13
4. METODOLOGIA.....	14
5. ALGUNS OLHARES	17
5.1 A construção do ser mulher/homem	17
5.2. Educação infantil é lugar de homem?.....	20
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS.....	29
APÊNDICE	30

1. ABRINDO A DISCUSSÃO

No Brasil, a contratação de educadores homens para atuar na Educação Infantil ainda causa estranhamento e levanta questões a respeito de profissões ditas femininas ou masculinas. E a partir da minha experiência profissional nesta área, decidi colocar esse tema para debate neste trabalho: a inserção de homens em uma escola federal de educação infantil e o impacto de tal iniciativa no âmbito das famílias das crianças e entre as colegas de profissão.

Por muito tempo, a presença de um homem junto às crianças nas escolas infantis esteve restrita ao professor de educação física, que na maioria das vezes era um estagiário. Atualmente, há dois educadores homens que fazem parte do quadro de funcionários na escola, no regime de contrato através de uma empresa de serviços terceirizados.

Partindo das leituras feitas, estabeleci uma comparação entre as experiências vivenciadas em outras escolas brasileiras, e até mesmo em escolas infantis de outros países, com esse microssistema que são as salas de Maternal I e Jardim A, nesta escola pública federal de educação infantil em Porto alegre.

Estou inserida nessa Instituição desde o ano de 1989 e tenho acompanhado a trajetória dessa escola, que se deu tanto na parte de ampliação do atendimento às diversas faixas etárias (que outrora atendia apenas crianças até 02 (dois) anos), e hoje atende crianças com idade até 06 (seis) anos. Como também, a sua construção pedagógica no que diz respeito à forma de orientação dada aos profissionais que ali atuam. O que antes era visto apenas como assistência, troca fraldas e mamadeiras, passou a ser pensado como espaço de aprendizagem.

Para dar corpo a esse trabalho, apliquei entrevistas semiestruturadas, com educadores e educadoras e com dois casais cujas filhas são atendidas por esses educadores homens. Apoiada nessas entrevistas e nas leituras que discutem as relações de gênero presente no cotidiano escolar, busco mostrar como essas relações são permeadas pela construção do que pertence ao mundo masculino e ao feminino. Trago, também, para discussão a trajetória desse profissional masculino

na educação infantil; como ele se vê nessa lida profissional e como os responsáveis pelos alunos e os colegas de trabalho desses entrevistados os veem.

As análises aqui realizadas apóiam-se em questionamentos que discutem as relações de gênero a partir dos Estudos Culturais e Feministas, numa perspectiva pós-estruturalista.

2. A RELEVÂNCIA DO TEMA

Admito que, como mulher e educadora, fiquei um tanto surpresa quando surgiram os primeiros homens atuando como professores na educação infantil na instituição onde trabalho. Tal estranhamento se deu em função de inúmeras representações socialmente construídas de que somente as mulheres têm maior competência para educar e cuidar de crianças pequenas. Percebi também que tal perturbação atingia não só a mim, mas a outras colegas e às famílias das crianças, pelo menos algumas delas. No entanto, a convivência com esses profissionais e através do contato com os estudos de gênero, percebi o quanto tais concepções estavam carregadas de preconceitos.

A pertinência desse tema e sua atualidade firmam-se mais ainda nos nossos tempos quando vemos divulgados através da imprensa, fatos dando conta de diversos casos de pedofilia. Ao tomar ciência dessas notícias, muitas famílias se sentem inseguras ao saber que há educadores homens cuidando de seus filhos e filhas. Criou-se assim uma espécie de pânico em relação aos homens que têm alguma aproximação com crianças, sendo vistos com desconfiança pelos adultos. Temos aqui a ideia de que a sexualidade masculina é potencialmente perigosa e incontrolável. Essa situação tem gerado muito desconforto e contribui ainda mais para aumentar o preconceito em relação aos homens que trabalham com crianças pequenas.

A proposição desse estudo, o que pretendo por meio dele, é dar a conhecer um pouco mais desse professor que atua como educador nessa instituição pública de educação infantil; qual a sua trajetória acadêmica e profissional; em que momento decidiu-se por atuar junto a crianças pequenas; como ele sente/observa a sua relação com as educadoras neste ambiente de trabalho; como a família e escola o receberam nesse espaço.

Procurarei problematizar algumas questões, tais como: existem lugares que pertencem ao feminino e outros que pertencem ao masculino? De que forma isto se dá? Quem ou o que determina esse pertencimento?

Então, a partir da busca por entendimento dessas indagações, pretendo mostrar nesse trabalho como se estabelecem as relações nesse universo predominantemente feminino, que foi “invadido” por alguns representantes masculinos. Esse tema já foi abordado por outros pesquisadores, entretanto espero contribuir de alguma forma para ampliar o debate no campo das relações de gênero.

3. DOS OBJETIVOS

É preciso focar o olhar em algumas questões que atravessam o ambiente escolar, mais especificamente, a escola infantil. Para isso, começo apresentando algumas indagações que me inquietavam durante a minha atuação como educadora e que se intensificaram à medida que as discussões avançavam no curso de especialização:

- Como percebemos a interação do masculino num ambiente predominantemente feminino?
- Como interage e intervém esse profissional com meninas e meninos?
- A relação dos pais/responsáveis com o educador masculino apresenta-se da mesma forma que com as educadoras?
- Há diferenciação de papéis para masculino e feminino no cuidado infantil, nessas turmas de Maternal I e Jardim A?
- Como o educador se percebe nesse ambiente escolar?

Por meio das entrevistas e o aporte teórico, busco problematizar essas questões e outras que surgiram durante a análise dos dados colhidos junto ao grupo. Nesse intuito, apoiei a discussão em algumas autoras, como Elisabeth Badinter, Jane Felipe, Guacira Louro, Dagmar Meyer, entre outras/os, vinculadas aos Estudos Feministas e Culturais.

4. METODOLOGIA

Como relatei anteriormente, essa pesquisa sobre a inserção dos homens na Educação Infantil, foi feita com educadores/as de uma Instituição Federal de Educação Infantil em Porto Alegre, que atende somente servidores/as dessa instituição federal. Utilizei um questionário semiestruturado com algumas perguntas a fim de conhecer um pouco da trajetória desses profissionais, a saber:

Questionamentos ao profissional de Educação Infantil
1. Que idade você tem?
2. É casado/a? Tem filhos?
3. Qual a sua formação?
4. Fez algum curso profissionalizante ou especialização? Qual?
5. Com quantos anos começou a trabalhar?
6. Já trabalhou em outra área? Se afirmativo, que diferenças percebe em relação ao trabalho com crianças?
7. O que levou você a trabalhar na área de Educação Infantil?
8. Houve alguma influência nesta escolha?
9. Esta é a sua primeira experiência profissional em Educação Infantil?
10. Teve experiência em lidar com crianças pequenas em outros espaços? Como isso aconteceu?
11. Você acredita que a formação acadêmica/profissionalizante oferece condições para desenvolver o seu trabalho? O que poderia ser acrescentado?
12. Quais as características que você considera fundamentais para atuar nesta área?
13. Você pretende continuar como educador infantil ou gostaria de atuar em outra área? Como você vê o trabalho com crianças pequenas?
14. Quais seriam as dificuldades enfrentadas por um homem ao atuar como educador infantil? (Âmbito profissional, familiar e social)
15. Deseja acrescentar algo que julgue necessário, que eu não tenha indagado?

Questionamentos aos Pais e Mães
1. Idade.
2. Sexo.
3. Área de formação:
4. Quantos filhos você tem?
5. Idade das crianças.
6. Como você vê a atuação de um professor (homem) nesse espaço?
7. Em sua opinião, quais seriam as vantagens e desvantagens enfrentadas por um homem para trabalhar com crianças pequenas?
8. Gostaria de acrescentar algo a estes questionamentos?

Na instituição temos apenas dois homens que atuam diretamente em sala de aula como professores, um na turma de Maternal I (crianças de 3 a 4 anos) e o outro no Jardim A (crianças de 4 a 5 anos). Entre outros aspectos, as informações colhidas dizem a respeito de como esses educadores são vistos pela ótica das famílias e também das próprias colegas que atuam na sala de aula.

As informações foram obtidas por meio de entrevistas semiestruturadas, aplicadas nos dois educadores masculinos que atuam nessa escola infantil, para conhecer um pouco das suas trajetórias. Também entrevistei duas educadoras que trabalharam ou trabalham com esses ou outros educadores da Instituição, com o intuito de investigar como eles são vistos por essas educadoras. Por outro lado, também utilizei de entrevistas para dialogar com dois casais que têm suas filhas atendidas por esses profissionais.

Em relação aos dois educadores escolhidos, ambos já trabalharam juntos na mesma turma, embora em turnos diferentes. Atualmente, um deles trabalha na turma de Jardim A e o outro, no Maternal I. Outro enfoque será dialogar com duas colegas, sendo uma da “velha guarda”, ou seja, que trabalha há mais tempo na Instituição, portanto acompanhou essa inserção do masculino como cuidador/educador; e outra com menos tempo na escola, quando já havia algum homem desenvolvendo o trabalho diretamente com as crianças. A partir daí, tentei conhecer e confrontar

como são vistos esses profissionais num ambiente predominantemente feminino, sob o olhar de quem trabalha junto e daqueles/as que deixam seus filhos com eles.

Por fazer parte desse universo é que ousou dizer que houve certo estranhamento com a figura masculina como educador infantil, inclusive por mim num primeiro momento. Portanto, não sou apenas uma observadora participante, sou uma participante que agora resolveu observar e tentar “traduzir” o que vê.

A preocupação ética com a pesquisa também esteve presente, pois desenvolvi meu trabalho em um núcleo federal de educação infantil do qual eu faço parte. Em várias conversas que tive com colegas sobre o tema que eu iria trabalhar na minha monografia, expressei as minhas preocupações em torno desta escolha; discutindo em que medida esse trabalho poderia expor meus colegas, meu local de trabalho e a mim mesma. Tendo em vista que inúmeras vezes eu presenciei comportamentos de revolta por parte de algumas colegas, pelo fato de alguns trabalhos de observação e estágio na Instituição fazerem colocações tidas como desrespeitosas.

No entanto, ao consultar um colega nosso, ele não só apoiou a ideia do tema, como também se dispôs a ser entrevistado. Desde então, acompanhei e acompanho as leituras indicadas nas aulas, procurando dar forma a esse trabalho que se mostrou um desafio muito grande.

Baseada no texto de Cláudia Fonseca “Quando cada caso não é um caso” (1988), acredito que estarei, através de um “microssistema”, conhecendo um pouco do que ocorre num universo maior.

5. ALGUNS OLHARES

5.1 A construção do ser mulher/homem

Na busca por conhecer como se deu a construção desse entendimento de que o papel de cuidador é tido como tarefa feminina, deparei-me com o texto de Badinter (1980) em que a autora faz uma reconstrução histórica do período compreendido entre os séc. XVII ao XX na França. Podemos perceber, através desse panorama apresentado, que a designação de papéis masculinos e femininos parece ter embasado um de seus alicerces no “mito do amor materno”, que traz a figura da mãe sempre dócil, meiga, cuidadora (os comerciais de margarina e fraldas reafirmam isso), cabendo ao pai o papel de provedor. Só que nesse roteiro não estava previsto o momento do desemprego masculino, nem a escalada profissional da mulher.

O estudo mostra todo o esforço empreendido no sentido de vincular a mulher ao ambiente doméstico; o espaço público, ao homem. É possível inferir, a partir disso, que algumas atividades profissionais ligadas ao cuidado são caracterizadas como do âmbito familiar, próprias do mundo feminino?

Segundo a pesquisa, essa ideia de cuidar dos filhos teve de ser reiteradamente trabalhada, pois o que se observou nos séculos estudados é que as mulheres das classes sociais abastadas não tinham o menor interesse em relação a cuidar dos filhos, tarefa que era delegada às amas de leite, logo que a criança nascia. Descobrimos, inclusive, que as mães sequer buscavam saber de seus filhos, que em grande parte morriam nos primeiros anos de vida. O mesmo acontecia com os filhos dessas amas, pois estas deixavam de amamentá-los para servir de amas-de-leite para a prole daquelas que as contratavam.

No entanto, a partir do momento que o poder público se dá conta que o alto índice de mortalidade infantil precisa ser barrado, vai contar com fortes aliados, como, por exemplo, o discurso médico e o religioso, que pelo que parece, são sempre ótimos parceiros das políticas públicas na conservação da moral e dos bons costumes.

O ideal feminino traçado por Rousseau, segundo Badinter, de uma mulher submissa, voltada aos afazeres domésticos e o cuidado com os filhos parece ter finalmente se estabelecido no final do século XIX. Essa preocupação dita materna com o cuidado da criança foi incansavelmente repetida, no intuito de fazer com que as mulheres assumissem essa tarefa como algo natural e sublime. Vejamos uma das ideias que circulavam no final do século XIX:

Decididamente, nenhuma outra pessoa a não ser a mãe pode pretender o título de *educadora*, *conceito feminino por excelência*. É o 'instinto materno', por outros chamado de 'gênio materno', que guia infalivelmente as mulheres em sua tarefa de educadoras e (...) (Padre Didon, *Le rôle de La mère dans l'éducation des fils*, 1898, p.11 in: Badinter, 1980, p. 214. Grifos meus).

Nesse discurso religioso, com todo o seu poder formador de opinião que lhe é conferido, ainda mais naquela época, podemos notar como vai sendo constituída a ideia de educar como uma ocupação essencialmente feminina; trazendo consigo a questão da maternidade como algo definidor de quem deveria assumir a responsabilidade de educar. Tendo em vista que caberia à mulher o cuidado e educação dos filhos, as atividades profissionais a elas destinadas originar-se-ão do ambiente familiar e suas tarefas desempenhadas nesse espaço privado.

Meyer (2003) analisa a relação entre gênero e educação a partir de uma notícia veiculada em determinado jornal, na qual o texto trabalha com a ideia que a obesidade está estreitamente ligada ao fato da mulher trabalhar fora e não ter tempo para preparar refeições saudáveis.

Ao discutir a reportagem, a autora faz uma retomada do movimento feminista, que teve como marco inicial a luta pelo sufrágio, buscando estender o direito do voto às mulheres; e a partir daí, elas obtêm novas conquistas, tais como: "o direito à educação, a condições dignas de trabalho, ao exercício da docência". (Meyer, 2000, p.12). Também, é dito que as mulheres das classes burguesas européias e americanas foram ocupando espaço em escolas e hospitais; ambientes

esses que continuam na atualidade, como um reduto histórico feminino. As funções desempenhadas em hospitais e escolas sempre foram mal remuneradas, e, talvez por conta disso, essas profissões não interessassem aos homens, que tinham por obrigação prover financeiramente suas casas.

A autora ressalta a importância do conceito de gênero em oposição a sexo, pois mostra que o social e a cultura agem sobre nossos corpos sexuados, ditando “comportamentos, atitudes ou traços de personalidade”. Ela chama a atenção para o que é denominado de “constructo sociocultural lingüístico”. Devemos, portanto, nos preocupar com o poder dos discursos sobre as nossas ações; do modo que homens e mulheres são subjetivados através da linguagem, seja ela, a dos símbolos, da propaganda, das leis, entre outros. Somos, então, resultado dessas diversas tensões cotidianas, num embate constante pela liberdade de exercermos nossos direitos individuais, em que a todo o momento nos fazem lembrar a marca genital dos nossos corpos.

O texto ao articular gênero e educação amplia a concepção de educativo para além das fronteiras da escola e da família, insistindo que as pedagogias culturais agem na formação do indivíduo; os meios de comunicação de massa, o cinema, a literatura, a música nos ensinam jeitos de ser homem e de ser mulher. Por isso, quando a matéria do jornal relaciona obesidade com o trabalho feminino fora de casa, está educando homens e mulheres sobre as atribuições de cada um.

Ao homem é destinado o espaço público; tendo que ser forte, viril e bem sucedido. É interessante notar que também para o homem, essa não é uma tarefa fácil, ter que corresponder ao padrão masculino desejado. Refletindo sobre o texto da Miriam Pillar Grossi – “Masculinidades: Uma Revisão Teórica (2001)” – que aborda o tema da construção da masculinidade, vemos como o estereótipo de ser macho foi se constituindo através dos diversos discursos que permeiam as relações dos indivíduos.

Para a autora uma das marcas definidoras da masculinidade na nossa cultura ocidental é o fato de que o gênero masculino precisa ser ativo; no entanto, essa palavra *ativo*, “no senso comum, é carregada de uma conotação sexual, de alguém que toma a iniciativa, penetra o corpo do/a outro/a”. (Grossi, 2001: 6). E

essa marca acarreta dificuldades em aceitar que homens possam trabalhar como educadores infantis. Gerando desconfiança em torno das interações cotidianas que o educador possa ter com as crianças.

Outra característica muito presente como definidora do gênero masculino é a agressividade, que segundo Miriam Grossi, está presente desde a mais tenra infância, como também a marca da hiperatividade. Ou seja, desde muito pequeno é esperado do homem que ele seja ativo, agressivo e movimente-se bastante. O inverso para as meninas, elas devem ser contidas, educadas, sensíveis e preocupadas com os afazeres domésticos (Seffner, 2003).

As transformações sociais foram “desorganizando” a organização por gêneros, até então estabelecida. Entre elas, a inserção da mulher no mercado de trabalho, a evolução intelectual delas; fatos que corroboraram para dar nova forma às estruturas estabelecidas. O fato de o marido ficar desempregado, e a mulher tornar-se a provedora do lar, é um exemplo de como as famílias modernas foram obrigadas a re-estabelecer as ordens internas, as tarefas domésticas e o cuidado com os filhos.

Atualmente, se fala em crise das masculinidades, pois nem sempre é possível corresponder a esse modelo, tendo em vista as diversas transformações pelas quais as relações pessoais e profissionais estão passando. Antes, segundo exemplo do texto, para trabalhar numa montadora era preciso ter muita força física; com o desenvolvimento da tecnologia, as mulheres conseguem dar conta do trabalho, pois é preciso apenas apertar alguns botões. “A masculinidade, assim como a feminilidade é construída socialmente, é histórica, mutável e relacional”. (Connel, 1995; Kimmel, Messner, 1995; Seffner, 2003).

E agora, como os homens irão movimentar-se nesses novos espaços, nessas novas realidades?

5.2. Educação infantil é lugar de homem?

Buscando analisar a atuação do homem num ambiente onde predomina o feminino, uma escola de educação infantil, entrevistei pessoas envolvidas nesse processo educativo: educadores – masculinos e femininos – e dois casais que têm suas filhas nas turmas pesquisadas.

Numa primeira leitura das entrevistas, notei que constatações apresentadas na dissertação de mestrado de Maria Luiza Rodrigues Flores (2000), que teve como campo de pesquisa Escolas da rede Municipal Infantil de Porto Alegre, são recorrentes nessa Escola de Educação Infantil Federal. Entre as situações em comum está o estranhamento por parte das educadoras e de familiares em encontrar um homem exercendo a função de educador infantil.

E quanto à trajetória desses homens que atuam nessa escola pesquisada, podemos dizer que eles, num primeiro momento, buscaram um espaço profissional totalmente identificado com o gênero masculino, ou seja, um deles ingressou primeiramente no curso de Física e o outro em Educação Física. São habilidades historicamente atribuídas aos homens, em que uma lida com movimento do corpo e suas transformações e a outra com o mundo das ciências exatas – são exemplos representativos do conhecimento ligado ao universo masculino. Só depois é que eles foram ingressar no curso de Pedagogia.

Esses profissionais relataram que no início encontraram dificuldades para se inserir e ser aceitos nesse novo espaço de trabalho. Um deles, inclusive, depõe sobre olhares inquisidores de algumas colegas. O que ele traduziu como desconfiança quanto a sua capacidade em lidar com as crianças em determinadas situações como de conflitos, birras; diz ele:

... Desde a chegada nos primeiros dias, como homem sendo minoria, né, nesse espaço; tu sentes o olhar das colegas. No sentido assim, o que que esse estranho está fazendo aqui? Ainda mais em sala de aula, se fosse na Educação Física, bom, até seria aceito, porque temos estagiários homens na área específica da Educação

Física, mas em sala de aula, nos primeiros dias, o olhar questionador das colegas era muito forte, né.

E quando ele é questionado sobre o significado desse tal olhar que parece, na sua ótica, como de desconfiança, responde que:

- A um preconceito de gênero, tipo, o homem não é para cuidar criança... Um preconceito de gênero, sim, porque formação eu tinha, todo mundo sabia que eu tinha formação, porque eu fiz estágio aqui;

Com essa fala, o educador nos aponta que existe a ideia de que há espaços definidos para homens e para mulheres; e que se alguém resolve romper com essa organização pré-estabelecida, sofre com o preconceito, com a desconfiança. Em alguns casos, essa dúvida vai além do olhar. Segundo ele esse estranhamento tem estreita relação com a concepção cultural em torno da masculinidade, que transparece na seguinte fala:

- Sim! Homem agressor, homem que não sabe cuidar, homem que não sabe cuidar de crianças, sim, com certeza.

Essa concepção de masculinidade está exemplificada na preocupação demonstrada por um pai, que ao ser entrevistado mostrou-se muito incomodado com o fato de um professor homem acompanhar as meninas ao banheiro, fazer a higienização das pequeninas e, inclusive, trocar-lhes as fraldas. Essa deveria ser, ainda segundo esse mesmo pai, uma atribuição das professoras. Caberia ao professor homem, apenas o desenvolvimento de atividades lúdicas e pedagógicas. O pai ressalta a todo o momento que está satisfeitíssimo com o atendimento da

escola, mas que esse ponto específico deveria ser revisto. E justifica seu entendimento a partir da seguinte fala:

- Eu vejo tanta barbárie, é tanta coisa. A gente que lê jornal e. E olha televisão, né. É, tem programas que passam o dia inteiro só falando sobre coisas ruins, sobre é... Escolinha que o professor (pigarreia) usou as crianças pra um filme pornô. É... Uma série de coisas assim, de abusos.

A preocupação desse pai é muito comum, pois como diz Jane Felipe no seu artigo “Final, quem é mesmo o pedófilo?”: “a ideia corrente de que só homens são abusadores em potencial, por possuírem uma sexualidade tida no senso comum como incontrollável, quase ‘animalesca’”. (Felipe, 2000, p.214)

Tendo em vista que pouco se sabe da prática de pedofilia por parte das mulheres e por ser atribuído a nós o sentimento materno, toda e qualquer demonstração de afeto às crianças pelas mulheres é tido como natural, não como abuso. No entanto, ao observarmos homens relacionando-se afetivamente com outras pessoas, sejam elas crianças, mulheres ou outro homem, cola-se a essa atitude uma conotação ligada à sexualidade, ao desejo sexual.

Isso leva a situações delicadas, como fala o artigo, em especial na educação infantil, pois nessa etapa escolar as demonstrações de afeto, o contato físico está mais presente. Daí os questionamentos: até onde vai o carinho, o cuidado? Como lidar com o receio do abuso?

“Na creche existem dois masculinos que ameaçam, o agressor e o homossexual” (Cruz, 1998, p.245). Flores (2000) com sua tese nos mostra que os educadores daquelas escolas municipais pesquisadas passaram por esse questionamento, quanto a sua sexualidade. Daí, lembrei-me que quando os primeiros homens vieram trabalhar na creche (é como até hoje nos referimos a nossa Instituição) havia conversas “de canto” que indagavam se eles não “jogavam em outro time”; Provavelmente, por serem jovens e solteiros na época.

Em contrapartida houve aquela mãe que sentiu grande satisfação pela presença masculina em nosso meio. Para ela esse sujeito masculino trouxe benefícios para as relações familiares, como podemos constatar em uma de suas falas.

- Visualiza que o pai tem uma caracterização que ela pode... Tem capacidade de brincar com ele, de ter, de receber o alimento; tomar o banho. Não que a... A minha filha nunca... O pai sempre deu banho nela, trocou as fraldas dela, tudo. Mas a relação, a procura, a busca, até não fica só focada na mãe; ela consegue dividir.

Podemos supor a partir dessa perspectiva, que a criança ao interagir tanto com professoras como com professores, ela amplie as possibilidades de relacionar-se com seus familiares. Trazendo, para esses momentos, um equilíbrio no que se refere ao cuidado com ela. Evitando-se, assim, que a mãe se sobrecarregue com suas demandas. Projetando-se para além, o futuro nos apresentaria uma mulher adulta capaz de estabelecer uma relação conjugal/afetiva, diferente dessa que até então se tornou regra na nossa sociedade.

Nas colocações das duas educadoras entrevistadas, percebemos que ambas se sentem muito à vontade em partilhar o espaço com os homens educadores. Uma delas, inclusive, ressalta o fato de ter trabalhado em berçário com um educador masculino e percebeu, da parte dele, muito carinho para com as crianças. Diz isso, relata esse fato, até com certo espanto, pois não se espera que os homens demonstrem afeto com tamanho envolvimento.

– e ele, bem carinhoso, fazendo brincadeira. Eu acho bem legal

Nota-se, tal como nas falas das mães, a associação de brincadeiras de correr e jogar bola como algo que faz parte de atividades desenvolvidas por um

professor e não professora. O que nos leva a pensar que a figura do educador está estreitamente vinculada ao profissional da educação física; este, sim, sempre esteve presente na rotina dessa instituição, e em outras, desde há muito tempo. Temos esse entendimento no seguinte trecho:

– Os meninos, no sentido de jogar futebol, que a gente vê os maiores do jardim ali, solicitam muito assim, de brincar, nas brincadeiras de correr no pátio;

E quando eu questiono sobre o fato de esperarmos que somente os professores convidem as crianças para jogar bola, ela sorri e responde que:

– A gente não tá muito acostumada... Não sei por quê... Agora, foi uma boa pergunta.

Na verdade, a nossa prática vai se constituindo, e nos constituindo enquanto sujeitos, sem que façamos uma avaliação das formas com as quais estruturamos o nosso fazer pedagógico. As noções que temos sobre ser homem ou ser mulher; e quais os espaços ocupados por nós nos diversos contextos. É interessante observar como a simples escolha de uma brincadeira, mostra as marcas deixadas por uma formação em que os espaços são definidos e definidores de como deve comportar-se o ser masculino e o ser feminino.

Outro ponto é a questão de ver a profissão de educador infantil muito ligada ao ambiente doméstico, apenas como cuidador, tanto por parte de algumas famílias, como até mesmo por alguns profissionais da área. Podemos observar isso na fala da educadora A2:

– eu achava que pra ser professor bastava gostar de crianças; e isso sempre esteve em mim, sempre gostei de criança, mas eu não tinha consciência dos desafios que era educar.

Ou seja, se não vemos como uma profissão, tal como as outras, em que é preciso uma formação acadêmica, um conhecimento teórico, acabamos por entender que basta gostar ou ter um útero para já sair desenvolvendo uma atividade no campo da educação infantil. A valorização profissional também passa por essa visão que temos da nossa e de outras profissões.

Do mesmo modo, isso interfere na qualidade da interação com as famílias. Pois se estivermos mais preparadas/os para lidar com determinadas situações no nosso ambiente de trabalho, muitos conflitos poderão ser encaminhados de maneira diferente, ajudando a construir olhares diferentes.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira constatação óbvia que faço é que seja qual for a fronteira que pretendemos atravessar, será necessário muita convicção e persistência. Mexer em estruturas já consolidadas leva a um enfrentamento que às vezes não estamos preparados para assumir. Noutro dia assisti a uma palestra sobre Economia Solidária, a princípio nenhuma relação com esse trabalho; mas quando a palestrante falou sobre a questão do capitalista como alguém que organiza o trabalho do outro e, ao contrário do que se pensa, isso dá trabalho, vemos que na maioria das vezes não questionamos as verdades construídas, porque isso nos levaria a ter que pensar e defender essas outras construções trazidas; isso daria muito trabalho.

“Os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer cotidiano escolar” (Louro, 2011: p.63). Então, como diz a autora, temos que estar muito atentos à nossa prática cotidiana, tanto profissionalmente como nas nossas relações pessoais, familiares.

Se a linguagem constitui sujeitos, como repetiu tantas vezes Dagmar Meyer nas suas aulas, é preciso ser críticos ao que é dito e ouvido. Se somos sujeitados pelos diversos discursos que circulam, aos quais vão nos construindo e transformando em verdades incontestáveis as concepções de determinado grupo, somos responsáveis pela forma como interpelamos nossos alunos, amigos, familiares. No entanto, essa subjetivação não é uma via de mão única, também somos sujeitados por estes e por outros. Há nos discursos oficiais um maior poder de cooptação pelo seu caráter de referencial de domínio do conhecimento, como é o caso do discurso médico, religioso, jurista.

Louro (2011) nos fala que antes de buscar nas leis, nos discursos solenes, a construção das diferenças entre sujeitos, devemos voltar o nosso olhar para as práticas cotidianas, aqueles gestos e palavras banalizadas; aquilo que parece ser natural. Pois de tanto se repetir e por estarmos inseridos nessa rotina, deixamos de nos dar conta do quanto nossas palavras e gestos vão constituindo sujeitos. A construção do ser menina ou menino dá-se em diversos momentos banais do nosso

cotidiano, como a simples escolha de uma brincadeira. Em que momento de nossas vidas construímos a ideia de que jogar bola é coisa de menino?

Em vários textos, li que devemos questionar nossas certezas; mas essa atitude é muito amedrontadora, pois ao questioná-las, precisamos criar outras. Ficamos fragilizados com incertezas. Isso me faz lembrar as ditas reuniões pedagógicas na escola onde lecionei por vários anos. Sempre que a coordenadora e a supervisora pronunciava a palavra inovar, ou algum de seus sinônimos, gerava um “frisson” geral no grupo. Porque é difícil lidar com conceitos que escapam; fugir do que está acomodado na nossa mente; ir à busca de algo que traz mais questionamentos. É mais fácil acreditar que as coisas são assim porque é da natureza delas, do que discutir que somos constructos sociais.

Parece ser mais fácil calar na maioria das vezes, pois para contrapor um argumento é preciso apresentar outro, e estar disposto a ser questionado novamente. É preciso estar disposto a desacomodar anos de certezas; ter olhares desconfiados no seu entorno e aprender que mudanças são necessárias.

Então, para desconstruir que educação infantil é lugar de mulher, é necessário que estejamos dispostos a discutir em diversas instâncias algumas construções em torno do que é ser homem ou mulher; se há espaços masculinos e femininos; e o que essas afirmativas acarretam para nossa formação e para a ocupação dos espaços sociais.

REFERÊNCIAS

ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra G.; MEDRADO, Benedito (Orgs.). *Homens e masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECOS/Ed. 34, 1998.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. São Paulo: Circulo do Livro, 1988.

FELIPE, Jane. *Afinal, quem é mesmo pedófilo?* Campinas: *Cadernos Pagu* (26), jan/jun 2006. p. 201-224

FLORES, Maria Luiza Rodrigues. *Conversando com educadoras e educadores de berçário: relações de gênero e de classe na educação infantil*. Porto Alegre: UFRGS, 2000. 290 f. (Dissertação de Mestrado)

FONSECA, Cláudia. *Quando cada caso não é um caso: o método etnográfico e educação*. Revista Brasileira de Educação - ANPED, Rio de Janeiro, n. 10, p. 58-78, Jan/Abr de 1999

GROSSI, Miriam Pillar. *Masculinidades: uma revisão teórica*. Antropologia em Primeira Mão, 2004

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MEYER, Dagmar. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELNNER, Silvana (org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul/dez. 1995.

SEFFNER, Fernando. *Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual*. Porto Alegre: UFRGS, 2003. 260 f. (Tese de doutorado)

APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O(A) senhor(a) _____,
RG/CPF: _____ está sendo convidado(a) a participar do trabalho de pesquisa intitulada “A Inserção de Homens na Educação Infantil”, desenvolvida pelo Curso de Especialização em Educação, Sexualidade e Relações de Gênero, que tem como objetivo discutir como essas questões de gênero estão inseridas no cotidiano escolar, visando ampliar nossa visão de educador/a. Esta pesquisa tem como responsável a aluna Francisca Mariano Silveira – orientada pela Prof^a. Dr^a. Jane Felipe de Souza – a quem poderei contatar quando assim considerar pertinente através do e-mail francisca.mariano@ufrgs.br.

As respostas contidas nos questionários preenchidos pelos participantes serão tratadas de forma anônima e confidencial, ou seja, em nenhum momento o nome do participante será vinculado as suas respostas – os nomes verdadeiros serão sempre substituídos por letras aleatórias nas publicações em revistas científicas e/ou eventos em que esses dados forem divulgados.

Sua participação é voluntária, sabido que você pode recusar-se a responder qualquer das perguntas presentes nos questionários, bem como desistir e/ou retirar seu consentimento quando assim considera-se pertinente.

Sua participação consistirá em responder às perguntas feitas pela aluna mencionada através de entrevistas presenciais.

Por meio desse TCLE deixamos claro também que o(a) senhor(a) não terá nenhum custo ou qualquer compensação financeira por participar dessa pesquisa. Não haverá riscos de qualquer natureza relacionada à sua participação. O benefício relacionado a sua participação se refere a enriquecer a atividade acadêmica relacionada à área da Educação.

Conforme recomendação da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), o(a) senhor(a) receberá uma cópia desse TCLE onde consta alguns dados pessoais do responsável por desse trabalho/pesquisa, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação quando assim desejar.

Assinatura da Aluna Pesquisadora

Declaro estar ciente quanto ao teor deste Termo de Consentimento e estou de acordo em participar da pesquisa proposta, sabendo que – como já foi mencionado – poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Assinatura do Participante

Porto Alegre, ____ de _____ de _____.